

Paralelos com 1937

Por **Robert J. Shiller**

Valor Econômico, 12.9.14

O aspecto negativo das sanções impostas à Rússia devido à sua ação na Ucrânia é que elas poderão produzir uma recessão por toda a Europa e por outros continentes. Isso deixará o mundo com russos insatisfeitos, ucranianos insatisfeitos e europeus insatisfeitos.

A depressão que se seguiu à crise da bolsa de 1929 se agravou oito anos depois e a recuperação ocorreu apenas com o gigantesco estímulo econômico oferecido pela Segunda Guerra Mundial, que custou mais de 60 milhões de vidas. À época em que a recuperação finalmente se instaurou, boa parte da Europa e da Ásia estava em ruínas.

A atual situação mundial não é, nem de longe, tão terrível, mas há paralelos a traçar, especialmente com 1937. Agora, como naquela época, as pessoas estão decepcionadas há muito tempo, e muitas estão perdendo as esperanças. Estão mais temerosas quanto ao seu futuro econômico de longo prazo. E esses temores podem ter graves consequências.

O impacto da crise financeira de 2008 sobre as economias ucraniana e russa, por exemplo, pode estar por trás, em última análise, da recente guerra instaurada na região. De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), tanto a Ucrânia quanto a Rússia vivenciaram um crescimento espetacular de 2002 a 2007: ao longo daqueles cinco anos, o PIB real per capita subiu 52% na Ucrânia e 46% na Rússia. Isso agora pertence ao passado: o crescimento do PIB real per capita foi de apenas 0,2% no ano passado na Ucrânia e de 1,3% na Rússia. A contrariedade gerada por uma decepção dessas dimensões pode ajudar a explicar a fúria dos separatistas ucranianos, a insatisfação dos russos e a decisão do presidente da Rússia, Vladimir Putin, de anexar a Crimeia e de apoiar os separatistas.

A desesperança que vem impulsionando a insatisfação desde a crise financeira - e não apenas na Rússia e na Ucrânia - tem nome. Esse nome é "a nova normalidade", que diz respeito à atrofia das perspectivas de crescimento econômico de longo prazo, um termo popularizado por Bill Gross, um dos fundadores da gestora de investimentos e gigante dos bônus Pacific Investment Management Company (Pimco).

A desesperança sentida após 1937 também levou ao surgimento de novos termos. A expressão "estagnação secular", relativa ao mal-estar econômico de longo prazo, é um dos exemplos. No fim da década de 1930, as pessoas também se preocupavam com a insatisfação na Europa, que já tinha alimentado a ascensão de Adolf Hitler e Benito Mussolini.

O outro termo que repentinamente ganhou destaque por volta de 1937 foi o "subconsumismo" - a teoria de que pessoas temerosas possam querer economizar demais para os tempos difíceis. Além disso, o volume de poupança que as pessoas desejam ultrapassa as oportunidades de investimento disponíveis. Em decorrência disso, o desejo de poupar não reforça a poupança agregada para iniciar novas empresas, construir e vender novos edifícios e assim por diante. Embora os investidores possam, com suas apostas artificiais,

aumentar os preços dos bens de capital já existentes, suas tentativas de poupar apenas desaceleram a economia.

A "estagnação secular" e o "subconsumismo" são termos que traem o pessimismo subjacente. Este, por sua vez, ao desestimular os gastos, não apenas reforça a fragilidade da economia como também gera revolta, intolerância e potencial para a violência.

Em sua grandiosa obra "As Consequências Morais do Crescimento Econômico"[Record, 2009, 657 págs.], Benjamin M. Friedman mostrou muitos exemplos de como a queda do crescimento da economia dá origem - com lapsos de tempo variáveis e às vezes longos - à intolerância, ao nacionalismo agressivo e à guerra. Ele concluiu que "o valor de um padrão de vida ascendente não está apenas nas melhorias concretas que traz ao estilo de vida dos indivíduos, e sim na maneira pela qual ele molda o caráter social, político e, em última instância, o caráter moral de um povo".

Alguns duvidam da importância do crescimento econômico. Talvez, dizem muitos, sejamos ambiciosos demais e devêssemos gozar uma qualidade mais alta de vida com mais lazer. Pode ser que tenham razão.

Mas a verdadeira questão são os processos de autoestima e de comparação social que o psicólogo Leon Festinger observou como característica universal humana. Embora muitos neguem, sempre nos comparamos com os outros e sempre temos esperanças de galgar a escala social. As pessoas nunca ficam satisfeitas com oportunidades recém-descobertas de lazer se estas parecerem sinalizar seu fracasso comparativamente a outras pessoas.

A esperança de que o crescimento econômico promova a paz e a tolerância se baseia na tendência das pessoas de se comparar não apenas com os outros no presente como também com o que se lembram das pessoas - entre as quais elas mesmas - no passado. Segundo Friedman, "obviamente nada pode tornar possível que a maioria da população fique em melhor situação. Mas não só é possível, para a maioria das pessoas, estar em melhor situação do que no passado como esse é exatamente o significado de crescimento econômico".

O aspecto negativo das sanções impostas à Rússia devido à sua ação no leste da Ucrânia é que elas poderão produzir uma recessão por toda a Europa e por outros continentes. Isso deixará o mundo com russos insatisfeitos, ucranianos insatisfeitos e europeus insatisfeitos. O senso de confiança e o apoio desses grupos às instituições democráticas pacíficas se enfraquecerá.

Embora alguns tipos de sanções contra a agressão internacional pareçam ser necessários, precisamos continuar atentos aos riscos associados a medidas extremas ou punitivas. Seria altamente desejável alcançar um acordo para pôr fim às sanções; integrar a Rússia (e a Ucrânia) mais plenamente na economia mundial; e associar essas medidas a políticas econômicas expansionistas. Uma resolução satisfatória do atual conflito não exige nada menos do que isso.

(Tradução de Rachel Warszawski)